

A EDUCAÇÃO COMO PROBLEMA MÉDICO: A PENA DE BELISÁRIO NO DEBATE SOBRE OS MALES DO BRASIL (1912 – 1933)

Leonardo Querino Barboza Freire dos Santos¹

Resumo: Neste artigo discutimos as representações sociais construídas pelo médico mineiro Belisário Penna (1868 – 1939) sobre educação e saúde, com ênfase para o período compreendido entre 1912 e 1933. Para isso, analisamos algumas de suas correspondências, bem como os textos de Belisário publicados em livros e na imprensa. Partindo destas fontes, refletimos sobre as aproximações entre os campos médico e pedagógico em um momento de intensos debates sobre os “males” do Brasil, quando a educação e saúde foram projetadas como solução para os problemas nacionais. Quanto ao referencial teórico, dialogamos com a perspectiva dos Estudos Culturais sobre a construção simbólica dos mundos sociais, especialmente a partir do conceito de representação social do historiador francês Roger Chartier.

Palavras-chave: História da Educação; História da Medicina; Belisário Penna.

Abstract: In this article we discuss the social representations built by Belisário Penna (1868-1939), a doctor from Minas Gerais, about education and health, with emphasis for the period between 1912 and 1933. For this, we analyze some of his correspondence, as well as Belisário's texts published in books and in the press. Starting from these sources, we reflect on the approximations between the medical and pedagogical fields in a moment of intense debates on the “evils” of Brazil, when education and health were designed as a solution to national problems. As for the theoretical referential, we dialogue with the perspective of Cultural Studies on the symbolic construction of the social worlds, especially from the concept of social representation of the french historian Roger Chartier.

Key words: History of Education; History of Medicine; Belisário Penna.

1. Graduado e Mestre em História pela UFCG. Doutorando no Programa de Pós Graduação em História Social DINTER – USP/UFCG. E-mail: leonardoqbf@hotmail.com.

Escolhas e esclarecimentos: situando os personagens na arena

As aproximações entre educação e saúde marcaram as políticas sociais brasileiras ao longo da primeira metade do século XX. Diversos estudos² identificaram este forte vínculo. Mesmo abordando objetos específicos, esta literatura reconhece que a articulação entre as duas áreas foi decisiva para moldar os projetos educacionais e a relação entre Estado e Sociedade no período.

Nas linhas que seguem, tentamos contribuir com este debate a partir da seguinte questão: quais as propostas dos médicos higienistas³ para a educação brasileira nas primeiras décadas do século XX? Como não seria possível analisar toda a produção médica sobre o tema, escolhemos discutir este problema a partir da trajetória intelectual de Belisário Penna, considerado um dos principais divulgadores das ideias higienistas no Brasil⁴.

Sem cair na ilusão de “tomar o todo pela parte”, reconhecemos que as elaborações de Penna não podem ser pensadas como o reflexo do pensamento médico brasileiro, até porque existiam divergências mesmo entre os sanitaristas⁵. Porém, tendo sido um dos médicos com maior inserção em órgãos de saúde e na imprensa do período, suas ideias sobre educação sanitária foram amplamente divulgadas tanto entre seus pares quanto para outros grupos sociais. Assim, problematizar seus projetos acerca da educação, pode fornecer algumas pistas sobre os debates médicos sobre o assunto.

Belisário Penna começou a construir sua “fama” como médico sanitaria em 1912. Naquele ano, ao lado do também médico Arthur Neiva, chefiou uma das expedições científicas do Instituto Oswaldo Cruz ao interior do país. Já era a terceira daquele ano⁶.

2. Dentre as pesquisas que abordaram esta relação, podemos destacar os estudos de Dávila (2006), Fonseca (2007), Santos (2012), Oliveira (2010), Rocha (2003), Soares Júnior (2015) e Stephanou (2000; 2006).

3. De acordo com Pereira Neto (2001, p. 43 □ 52), nas primeiras décadas do século XX existiam no Brasil pelo menos três perfis de atuação médica. O perfil generalista: clínicos que exerciam seu ofício individualmente transitando por diversas áreas do saber médico, recorrendo mais aos “sentidos” e □experiência□ médica do que aos avanços tecnológicos. O perfil especialista: médicos com formação especializada, atuação mais circunscrita e maior incorporação de tecnologias laboratoriais. Por fim, o perfil higienista, que mais nos interessa neste trabalho: médicos que atuavam principalmente nos problemas de saúde coletiva; buscavam embasamento nas pesquisas biomédicas e direcionavam sua atuação para uma medicina preventiva de forte teor normativo; trabalhavam principalmente em órgãos públicos de saúde.

4. Sobre o papel de Belisário Penna na divulgação das ideias higienistas no Brasil, Cf. Lima (1999), especialmente o Capítulo 4, e Hochman (2006), especialmente o Capítulo 2.

5. Não se pode negligenciar as diferentes perspectivas que se confrontavam dentro do próprio movimento sanitaria. Um exemplo: enquanto Belisário Penna sempre se mostrou partidário do saneamento rural e da nacionalização dos serviços de saúde, Arthur Neiva, companheiro de Penna em expedições científicas e publicações, além de diretor de Saúde Pública de São Paulo em 1918, apregoava o saneamento urbano e uma tímida centralização que preservasse a autonomia estadual nos assuntos de saúde. A este respeito, Cf. Hochman (2006, p. 228 □ 232).

6. Antes da expedição de Belisário Penna e Arthur Neiva, entre abril e junho de 1912, Adolfo Lutz e Astrogildo Machado percorreram o Vale do São Francisco de Pirapora, em Minas Gerais, a Juazeiro, na Bahia. No mesmo período, José Gomes de Faria e João Pedro de Albuquerque chefiaram expedição pelos estados do Ceará e Piauí.

Contratada pela Inspetoria de Obras Contra as Secas, a viagem de Penna e Neiva tinha um objetivo muito claro: realizar um amplo levantamento sobre a flora, a fauna, mas, sobretudo, sobre as condições de vida e saúde das populações locais.

Figura 1 - Fotografia de Belisário Penna em 1912



11

Fonte: Fundação Casa de Oswaldo Cruz. Disponível em <http://arch.coc.fiocruz.br/index.php/dr-belisario-goias-1912>. Acesso em 29 jul. 2017.

Durante sete meses (de março a outubro de 1912) os dois médicos do IOC percorrem pouco mais de 4.000 quilômetros entre o norte da Bahia, o sudoeste de Pernambuco, o sul do Pará e o Goiás de norte a sul. Além de ter reunido um vasto registro fotográfico das situações que encontrou, esta expedição apresentou um amplo relatório de viagem. Publicado em 1916, este documento tornou-se um marco do sanitário no Brasil, movimento em defesa da "higienização nacional" que conquistou forte apelo político durante a Primeira República (LIMA, 1999, p. 84). Porém, até a expedição de 1912 a carreira deste médico mineiro não parecia tão promissora. No entanto, ao longo das primeiras décadas do século XX, Belisário gastou sua *pena* divulgando o ideário higienista. Neste artigo, analisamos parte da trajetória intelectual de Belisário Penna, focalizando as imagens elaboradas por este médico sobre a relação entre educação e saúde. O problema que costurou nossa narrativa é: como

o discurso médico e o saber pedagógico dialogaram na escrita deste médico? Para desvendá-lo, convido o leitor a embarcar nesta viagem cheia de tinta, pena, educação e saúde pelas tramas da Primeira República do Brasil.

Entre doenças e canários belgas: breve narrativa sobre a trajetória de Belisário Penna⁷

Belisário Penna nasceu em 29 de novembro de 1868, na cidade mineira de Barbacena. Seus pais, Lina Leopoldina Lage Duque e o visconde de Carandaí (homônimo de Belisário e prefeito de Barbacena em mais de um mandato) educaram seus filhos (Penna e mais sete) num ambiente aristocrático. Tanto que desde cedo Belisário teve acesso à educação formal, privilégio de poucos no Brasil de sua época. No colégio Abílio, em Barbacena, onde começou seus estudos, destacou-se por seus dotes artísticos (tocava piano todas as noites) e pelas reprovações nos exames de conclusão de curso.

Após os cursos secundários realizados em São João Del Rei, Belisário ingressou na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, sinônimo de *status* social para os filhos das elites de ontem (e de hoje) no Brasil. Porém, algo não saiu como seus familiares haviam planejado: não tendo apresentado bom desempenho acadêmico no Rio de Janeiro, Belisário acabou transferindo-se para a Faculdade de Medicina da Bahia, onde (agora sim) concluiu sua formação médica em 1890.

Em Salvador, Belisário conseguiu mais que um diploma. Lá, se casou com Ernestina Rodrigues Chaves, curiosamente (ou não) filha do diretor da Faculdade de Direito da Bahia, João Rodrigues Chaves. Casar-se com um membro da aristocracia baiana convergia com os hábitos elitistas da época. Se o discurso médico já reprovava o casamento consanguíneo dos tempos áureos do patriarcalismo colonial, pregando os benefícios do casamento higiênico (COSTA, 1979, p. 219) celebrar núpcias sem sair dos quadros da elite mantinha a coesão do grupo e preservava a distinção social.

Depois de casar voltou para Minas Gerais, onde passou a exercer atividades como clínico em pequenas cidades do interior do estado. Em 1896, mudou-se para Juiz de Fora, onde se tornou médico da Hospedaria dos Imigrantes. Pouco tempo depois se demitiu: não seria a última vez que Belisário abandonaria um cargo por não ser atendido em reivindicações para a melhoria dos serviços prestados no órgão em que trabalhava.

Em 1897, as endemias, que mais tarde denunciaria em seus escritos, passam a

7. Boa parte desta narrativa baseia-se em Thielen e Santos (2002) e em Lima (1999).

fazer parte de sua vida de forma trágica. De um só golpe, perdeu para a febre amarela sua esposa e dois de seus quatro filhos. Um ano depois, ao visitar os familiares da esposa falecida na Bahia, o inesperado da vida, o imponderável que desloca planos e refaz trajetórias: em Salvador, casa-se com sua cunhada, Maria Augusta Chaves, com quem compartilha o restante da vida e mais nove filhos.

De volta a Juiz de Fora, continua trabalhando como médico em pequenas localidades circunvizinhas. O curioso é que mesmo numa época em que faltavam médicos em Minas Gerais, e a medicina batalhava para controlar o mercado da saúde (FIGUEIREDO, 2008), a atividade clínica não era suficiente para garantir à família Penna o ambiente [aristocrático] da infância de Belisário. Tanto que, naquela época, Belisário dedicou-se também ao comércio. Isso mesmo. Ele abriu uma firma que negociava café, o principal produto da pauta de exportações da economia brasileira desde os tempos de Império. Era a *Belisário Penna & Cia*. Porém, a atividade como atacadista não foi bem-sucedida, e *Belisário Penna & Cia* não prosperou. Que pena!

Após mais uma desventura, Belisário dedicou-se à política. Nada mais comum, pois além de filho de uma família aristocrática de Barbacena, ele era médico, profissão (já) prestigiada socialmente e que desde o século XIX tinha uma grande inserção no quadro político (FIGUEIREDO, 2008). Belisário tornou-se vereador na cidade de Juiz de Fora. Porém, os pedidos de ajuda financeira a familiares sinalizam dificuldades financeiras no cotidiano de Penna. Cotidiano marcado pelos canários belgas, cuja criação tornou-se a distração do médico, vereador, comerciante fracassado.

Em 1903, Oswaldo Cruz foi nomeado para dirigir os serviços federais de saúde pública. Realizaram-se, então, concursos públicos para a Diretoria Geral de Saúde Pública (DGSP) com sede no Rio de Janeiro. 14 vagas foram oferecidas para o cargo de inspetor de saúde e 42 candidatos se inscreveram para concorrer a elas. A comissão responsável pelo concurso, presidida pelo próprio Oswaldo Cruz, classificou 15 candidatos.

Entre eles, um pequeno médico (tinha menos que um metro e meio), vindo do interior de Minas Gerais, obteve o segundo lugar: era o médico, vereador, comerciante, criador de canários belgas, Belisário Penna. Em maio de 1904 tomou posse como inspetor sanitário do 6º Distrito Sanitário do Rio de Janeiro, que englobava a zona portuária da cidade, área de pouco comércio, mas de muitos cortiços (GONZAGA, 1919, p. 2).

Logo que assumiu o cargo de inspetor sanitário, Penna teve que enfrentar a epidemia de varíola que assolava o Rio de Janeiro. Belisário conseguiu combatê-la (na área a seu cargo) superando a relutância da população (THIELEN & SANTOS, 2002, p. 391). Ameaçado por alguns moradores mais exaltados, foi defendido por outros, inclusive o [valentão] [Estica da Agonia] (sic), que esbravejou: [No pequenino ninguém toca] (PENNA, 1904,

p. 146). Defendendo de forma intransigente a vigilância médica e a vacinação obrigatória, chegou a ameaçar recolher aos hospitais aqueles que recusassem se vacinar:

A princípio encontrei relutância por parte da população ignorante que acreditava ser a vacina, em tempo de epidemia, não um preservativo, mas um propagador da asquerosa moléstia [...] O povo, em geral, tem aversão à remoção para hospitais de isolamento, e esse sentimento, aliás, injustificável e filho apenas da sua ignorância absoluta em matéria de higiene, foi um elemento por mim aproveitado para conseguir vacinações. (PENNA, 1904, p. 147).

Esta narrativa revela as impressões de Belisário sobre o contexto de um dos episódios mais controversos da história do Brasil, a Revolta contra a Vacinação obrigatória ocorrida no Rio de Janeiro em 1904. Para as autoridades, como para Belisário, as pessoas estavam revoltadas porque sua “ignorância” as impedia de compreender o processo de imunização por meio das vacinas e aceitar o caráter inexorável do progresso e da modernização.

Tratou-se, na verdade, do ponto culminante dos embates sociais que cercaram as transformações urbanas da capital da República, caracterizadas pelo autoritarismo que buscava modernizar o país “a qualquer custo”, reduzindo as complexidades da sociedade brasileira aos projetos de gestão social importados dos países de capitalismo avançado (SEVCENKO, 2012, p.24).

14

As estratégias de Belisário para combater a varíola surtiram efeito e lhe renderam o reconhecimento de Oswaldo Cruz, o que permitiu a Penna uma maior inserção no campo sanitário brasileiro. Mas a atividade que tornou Belisário conhecido nos círculos médicos e políticos foi sua viagem aos “sertões” em 1912, na companhia do médico baiano Arthur Neiva. Segundo Nísia Trindade Lima (1999, p. 84), a representação⁸ do Brasil esboçada no relatório desta expedição (publicado em 1916) salienta a doença, não mais o clima ou a mistura de raças, como os grandes obstáculos ao progresso do país.

Depois da divulgação do relatório, vieram os artigos de Belisário Penna sobre saúde e saneamento, publicados no jornal carioca *Correio da Manhã* entre novembro de 1916 e dezembro de 1917. Intitulados *Saneamento dos sertões*, foram reunidos depois no livro *O Saneamento do Brasil* (PENNA, 1918), publicado em 1918. Apropriando-se de uma mídia mais abrangente que as revistas médicas, Belisário conseguiu fazer

8. Trabalhos as representações elaboradas por Belisário a partir do pensamento de Roger Chartier (2002, p. 13 □ 28) a este respeito. Isto significa pensar a produção intelectual deste médico como discursos e práticas culturais, fabricadas a partir de um lugar social específico, que têm por objetivo a construção imagética do mundo social e das identidades.

circular suas representações para um público mais vasto, acirrando as discussões sobre os problemas nacionais e a higienização do Brasil.

Nísia Trindade Lima sugere que “o processo de produção do texto é, com freqüência, também o processo de constituir quem fala em um interlocutor legítimo. Além disso, o intelectual falava de si ao falar do mundo” (LIMA, 1999, p. 20). A partir destas sugestões, as representações de Penna adquirem novo significado. Elas constroem não apenas um retrato do Brasil como espaço da doença e do abandono. Através do processo contraditório de construção da identidade a partir da diferença (SILVA, 2000, p. 74-76) estas representações também redefinem as identidades do próprio Belisário ao construir a imagem do “outro doente” e legitimar a intervenção do médico-reformador.

Em 1920, foi criado o DNSP (Departamento Nacional de Saúde Pública), marco na centralização dos serviços de saúde no Brasil e antiga bandeira do movimento sanitarista. Médicos como Belisário Penna acreditavam que a nacionalização da saúde pública, aumentando os investimentos e a participação do governo federal na gestão desta área, era essencial para promover a higienização do Brasil. Belisário, então delegado de saúde da Diretoria Geral de Saúde Pública (DGSP), assumiu a direção do Serviço de Saneamento e Profilaxia Rural do DNSP.

Mas após ter publicado uma carta aberta em apoio ao movimento tenentista que explodiu em São Paulo em 05 de julho de 1924, durante a presidência de Arthur Bernardes, Belisário foi preso e afastado do serviço público. Enviado a São Paulo, foi depois transferido para o Rio de Janeiro, onde ficou detido por seis meses no Quartel local do Corpo de Bombeiros (THIELEN & SANTOS, 2002, p. 399).

Em agosto do mesmo ano, foi exonerado do serviço público, sendo reintegrado apenas em 1927 como inspetor de Propaganda e Educação Sanitária (LIMA, 1999, p. 124), quando foi convidado por Getúlio Vargas, então presidente do Rio Grande do Sul, para organizar o serviço estadual de higiene. Sua aproximação com Vargas foi reafirmada quando apoiou sua candidatura nas eleições presidenciais de 1930 e, sobretudo, quando se engajou publicamente no movimento que conduziu Vargas à presidência da República em outubro de 1930.

Após a vitória do movimento, Belisário foi nomeado diretor do DNSP. A documentação pesquisada silencia sobre os sentimentos de Belisário. No entanto, é possível que acreditasse que o novo cargo lhe permitiria por em prática suas ideias e projetos. Porém, transformado em burocrata do Estado, Belisário assiste o sanitarismo transformar-se em “projeto governamental”.

Segundo Nísia Trindade Lima, Belisário tinha uma enorme dificuldade em “conciliar posições e aceitar a presença dos diversos interesses políticos nas determinações de

natureza pública” (LIMA, 1999, p. 123). Confirmando esta sugestão, Penna enviou uma carta a Getúlio Vargas criticando a interferência política na administração da saúde pública: “Peço propositalmente a simples autonomia do DNSP, em vez da criação de um ministério, para que seja ele dirigido por um técnico, nunca por um político” (PENNA, 1932a). Um ano após assumir a direção geral do DNSP, Belisário solicitou sua exoneração, por não concordar com as deliberações do governo para a política do Departamento.

Belisário ainda ocupou, interinamente⁹, o cargo de Ministro da Educação e Saúde. Mas a desilusão com a administração pública já o consumia. Em 27 de Dezembro de 1932, enviou uma carta para Getúlio Vargas pedindo sua aposentadoria no cargo efetivo de Inspetor de Propaganda e Educação Sanitária, que ocupou no Departamento Nacional de Saúde Pública (PENNA, 1932b). Pouco depois, em 1935, em carta a Oswaldo Aranha, embaixador do Brasil nos EUA, Belisário declarava estar “completamente convencido da inutilidade de qualquer esforço honesto a benefício do país, em função pública” (PENNA, 1935).

Aposentado do funcionalismo público, Belisário não abandona a vida política. Em 1932, filiou-se à Ação Integralista Brasileira (AIB), partido político inspirado nas ideias fascistas fundado pelo escritor e jornalista Plínio Salgado. Segundo Nísia Trindade Lima (1999, p. 124) “Possivelmente, seu forte nacionalismo e as tendências autoritárias tão marcantes entre os higienistas fizeram com que ele, à semelhança de tantos outros intelectuais, aderisse ao integralismo, último movimento político do qual participou”. Em 1938, com o fracasso da tentativa integralista de tomar o poder por meio de um golpe de Estado, seus líderes foram reprimidos e o movimento foi desmantelado. Belisário comprou então uma fazenda no Vale do Paraíba, no Estado do Rio de Janeiro, e durante o último ano de vida testemunhou a consolidação do “Estado Novo” de Vargas afastado da cena pública.

Curar é preciso. Educar também é preciso: representações da educação sanitária na Penna de Belisário

O argumento central de vários escritos de Belisário é que a população brasileira, especialmente no interior, vivia em um estado de abandono político e vitimada por doenças como o mal de Chagas e a malária. Este retrato do Brasil não era de toda uma novidade. Segundo Lima e Hochman (2000, p. 321) a retórica (neo)naturalista, desde o final do século XIX, já vinha se distinguindo das representações “ufanistas”

9. Em dezembro de 1932.

do romantismo literário sobre o sertão brasileiro e seus habitantes. Nas páginas dos naturalistas, sobressai uma imagem negativa dos sertões e uma previsão pessimista sobre as possibilidades de desenvolvimento do Brasil, em razão de sua herança colonial, de seu clima tropical e da miscigenação de raças que caracterizou a formação de seu povo. É neste ponto que as representações de Penna e outros sanitaristas irão provocar um deslocamento nas interpretações sobre os “males”¹⁰ do Brasil.

Uma sugestão forte do médico mineiro era que a população do interior, mesmo doente e abandonada, poderia ser curada. Apesar de sua descrição da população brasileira aproximar-se das representações negativas correntes no período, ele elege um novo responsável pelo atraso do país. Não mais o clima, a herança colonial, a mistura de raças ou o próprio habitante do interior: são as autoridades públicas (ou mais precisamente a ausência delas) as grandes responsáveis pelo abandono da população e pelo conseqüente atraso do país. Esta interpretação representa uma mudança considerável. Se o atraso do país e a doença de seu povo não eram devidos às causas naturais ou de longa duração, o Brasil e os brasileiros, antes condenados pela raça, pelo clima e pela herança colonial, poderiam agora ser redimidos pela medicina, pela higiene, pela educação.

Belisário Penna, assim como outros sanitaristas, afastou-se dos enunciados que atribuíam à origem racial do povo brasileiro o seu estado de doença e ignorância (LIMA, 1999). Em seus escritos alertava que todos, independentemente de raça ou grupo social, estavam sujeitos a contrair doenças (PENNA, 1921). Suas representações, portanto, se afastavam do imaginário social que atribuía o atraso brasileiro à inferioridade racial de seu povo. Com sua *Penna*, Belisário apresenta a falta de educação e saúde para o povo pobre, fruto do descaso político, como os maiores entraves ao desenvolvimento do país. Sendo assim, sua interpretação dos problemas brasileiros vincula-se mais às questões políticas e sociais do que às reflexões sobre a hierarquia das raças.

A nossa raça, que é uma mistura de raças, ainda não está definida num tipo característico. [...] Ela tem predicados de inteligência, de vigor físico e de capacidade de trabalho como as que mais se prezam de os possuir, além de acentuado espírito de ordem, e de inata cordura, a par da coragem e da altivez. Disso tem ela dado provas exuberantes, e a história do Brasil está repleta de fatos que a dignificam. Houve, porém, em todos os tempos, grande descuido da educação e da instrução do povo (PENNA, 1921, p. 16).

Segundo Belisário, os acusadores da mistura de raças que deu origem ao povo brasileiro não tinham razão. Não foi ela a responsável por inviabilizar o país. No seu

10. Na retórica sanitarista a ideia de males é um pouco mais do que uma simples metáfora médica. Trata-se de uma menção às doenças como obstáculos ao desenvolvimento do país. O conceito de “males” teria tanto uma conotação simbólica usada para qualificar o Brasil como um país doente, como possuiria um significado mais concreto, denotando as enfermidades que travavam o seu progresso e modernização.

lugar, ainda tímida, meio desconfiada, surge uma nova ré: mestiço ou não, nenhum país pode se desenvolver sem educação e saúde de qualidade; mesmo racialmente puro, o povo que não conta com a assistência de um governo atento às suas necessidades básicas, não possui condições de vencer as intempéries que o impedem de progredir. Junto com seus companheiros de sanitarismo, Belisário conseguiu inscrever outra perspectiva no debate sobre a nacionalidade brasileira. Ao invés da miscigenação, falta de saúde e educação eram os nossos reais problemas. Para resolvê-los, o remédio não era embranquecer a população brasileira,

como tantos defenderam no final do século XIX¹¹: a profilaxia indicada pelo médico mineiro para a nação brasileira seria ministrada com doses de saúde e injeções de educação.

Sendo um problema social, o desenvolvimento do país demandaria intervenção política e engajamento intelectual. Causada por fatores sociais, e não biológicos, a “degeneração” do povo pobre do Brasil, nunca negada por Belisário, poderia ser contornada até em médio prazo. Isto porque o obstáculo que impedia a prosperidade do país não era mestiçagem, pois

Não há como estranhar a proverbial e decantada indolência do brasileiro em geral, nem a sua incapacidade para trabalhos que demandem vigor e saúde [...] **Não que ele assim seja por influência do clima e da raça. Ele é, sobretudo, uma vítima indefesa da doença, da ignorância e da deficiência ou do vício** (PENNA, 1918, p. 14. Grifos nossos).

18

Se nas representações de Belisário a falta de conhecimento sanitário e os vícios morais são as causas da “decantada indolência” do brasileiro, a educação aparece como o remédio milagroso para todos esses males. Seguindo seus escritos, descobrimos que, para o médico mineiro, bastaria preservar das doenças e educar o povo brasileiro para que ele fosse capaz de igualar o Brasil às nações europeias de capitalismo avançado (PENNA, 1918). O problema nacional é o excesso de doença e a falta de educação:

Ignorante, analfabeto, que noção pode ele [o povo brasileiro] ter de pátria, de civilização, de direitos e deveres cívicos, de progresso, de conquistas da ciência, do valor econômico das novas descobertas? Doente, empalariado, anêmico, cansado, idiota ou paralítico, carniça de vermes, terreno de cultura de protozoários e micróbios das piores espécies, que idéia pode ele ter

11. Segundo Lilia Moritz Schwarcz, no final do século XIX e no começo do XX o Brasil era apontado como um caso único e singular de extrema miscigenação racial. Tanto que João Batista Lacerda, então diretor do Museu Nacional do Rio de Janeiro, apresentou uma tese um tanto inusitada para nós hoje, mas bastante recorrente naquele ambiente intelectual. No 1º Congresso Internacional das Raças, realizado em julho de 1911, Lacerda afirmou que “O Brasil mestiço de hoje tem no branqueamento em um século sua perspectiva, saída e solução. Sobre a questão racial na construção da nacionalidade brasileira entre o fim da Monarquia e a Primeira República, Cf. Schwarcz (2000).

do estado hígido, da saúde, geratriz da alegria e do trabalho dignificante e compensador? [...] **Que sociedade e que política podem resultar da ignorância e da doença generalizadas?** (PENNA, 1921, p. 38. Grifos nossos).

Para Belisário, era preciso educar o povo não só para que ele adquirisse conhecimentos técnicos e intelectuais. A população necessitava de educação para se proteger das doenças. Desse modo, o brasileiro precisava de melhores condições de saúde e, sobretudo, de educação para que não adoecesse ou se “degenerasse moralmente”. Assim educada, curada e conhecedora dos preceitos higiênicos, a população brasileira poderia trabalhar produtiva e disciplinadamente, contribuindo para a construção de um país próspero e saudável:

[...] venho pregando, sem descanso, desde 1918, em livros, artigos, conferências e palestras, afirmando que todos os problemas brasileiros — políticos, econômicos, financeiros e sociais — só se resolverão naturalmente, suavemente, uma vez levados a sério os relativos à higiene, ao saneamento e à educação. (PENNA, S/d)

Nas representações de Belisário, existe uma tentativa persistente de diferenciar a educação sanitária da instrução formal. Instruir, na Pena de Belisário, significava ensinar os alunos a ler, a escrever, a contar. Já educar demandava outra prática pedagógica: incutir no alunado a percepção de que o cuidado com a higiene é a chave para a cidadania e o sucesso. Educar, para Belisário, é conduzir os alunos “na prática da brandura das palavras” preparando-os para que jamais se tornem “maledicentes, orgulhosos, susceptíveis e mentirosos” (PENNA, 1925).

Por isto, a educação sanitária lhe parece muito valiosa para ser restrita apenas às crianças. Ela é um bem de todos. Ela faz bem a todos.¹² Sem ela, acreditava o médico mineiro, a instrução formal não traz proveito: “A dar a instrução somente é preferível deixar o homem nas sombras da ignorância, pois, dar-lhe o conhecimento é dar-lhe meios de fazer o mal, se esses conhecimentos não forem dirigidos pela consciência iluminada por uma moral reta” (PENNA, 1925).

Moral reta que, nas palavras de Belisário, dependia da incorporação dos preceitos higiênicos que capacitariam os brasileiros a enfrentar as doenças físicas e morais. Na ótica deste médico-pedagogo, a incorporação dos novos hábitos de higiene seria realizada através da educação sanitária, que junto com a “prática de pequenos cuidados higiênicos podem libertar o povo brasileiro das endemias que o infelicitam e degradam” (PENNA, 1921, p. 13).

12. Foi em função desse ideal que Belisário se empenhou na divulgação da educação sanitária através de conferências e irradiações, as quais visavam contemplar um público bem mais vasto do que o escolar e os leitores de seus artigos na imprensa e nos periódicos especializados do campo médico.

Mas educar somente não bastava. Para Belisário, antes de educar era preciso curar. Suas representações sobre educação sanitária constroem um diagnóstico sobre as causas do “fracasso escolar”. Na sua ótica, um corpo doente, de sentidos e sensibilidades pouco afeitas à higiene, seria impermeável à educação, seja ela sanitária ou formal. Na pena de Belisário, corpo insalubre é sinônimo de cérebro que não consegue compreender nem incorporar os ideais de pátria, de família, de arte, de progresso e de solidariedade, pois

Escusado é tentar dar-lhe instrução [...] Nada se conseguirá de eficiente antes de arrancar-lhes dos intestinos os vermes, e do sangue os parasitos patogênicos; antes de purificar-lhes o liquido vital e normalizar o seu volume e o equilíbrio dos seus elementos; **e ao mesmo tempo educá-las, para impedir que sejam contaminados o solo e as águas, afim de que se não reinfestem depois de curadas** (PENNA, 1921, p. 46. Grifos nossos).

Com efeito, a educação representada por Belisário toma os contornos de uma prática cultural exercida na convergência de três eixos: instrução, educação sanitária e cuidados com a saúde. O laço que une estas três dimensões é a higiene, compreendida pelo médico educador como uma ciência social:

20

É a Higiene que dá aos indivíduos capacidade suficiente para assimilarem o conhecimento e se revestirem de energia. É a higiene que ensina quais os meios que podemos lançar mão para evitarmos moléstias. Esses preceitos são indispensáveis em todas as escolas, sejam primárias, intermediárias ou secundárias e principalmente nas Normais, onde em geral a cadeira de higiene é relegada para segundo plano (PENNA, 1925).

Belisário acreditava que a educação sanitária faria do Brasil um país rico e saudável. Ele confiava que sua pena podia ajudar nisso: sua tarefa seria a de indicar os caminhos para a incorporação dos brasileiros regenerados pela educação sanitária ao esforço de desenvolver sua pátria. Para isso, julgava insuficiente informar a população sobre os preceitos higiênicos. Era preciso educar. Era preciso transformar: “Instruir só não basta. Instruir é dar o saber. É preciso educar. Educar é dar o caráter. A instrução fornece o conhecimento [...]. A educação fornece as virtudes” (PENNA, 1925).

Palavras Finais

Nas primeiras décadas do século XX, durante as campanhas pelo saneamento

do Brasil, Belisário Penna tornou-se um importante divulgador da educação sanitária. Suas representações defendiam a importância da educação sanitária para promover a saúde física, moral e mental do povo brasileiro. Educação de qualidade para Belisário é educação sanitária.

Ele julgava a instrução intelectual dos alunos algo muito importante, é verdade. Mas ela sozinha não tiraria o Brasil do atraso. Nosso problema era mais sério. Já não se devia à mistura de raças que por tanto tempo infelicitou nossas elites. Para Belisário, a verdade era que a maioria dos brasileiros estava doente e era "ignorante". Para redimi-los clamava por uma instrução intelectual que fosse precedida pela cura e acompanhada pela educação sanitária, já que "crianças bichadas [...] nada ou pouco aprendem do que se lhes ensina nas escolas" (PENNA, 1921, p. 45).

REFERÊNCIAS

Documentais:

GONZAGA, Leonel. Discurso pronunciado na solenidade de ingresso de Belisário Penna na Sociedade Brasileira de Medicina e Cirurgia, 1919. Arquivo Belisário Penna, Casa de Oswaldo Cruz.

PENNA, Belisário. "Pequenos cuidados higiênicos. In: **Revista de saúde Hygia**. S/d. _____ . "Preleção de Higiene". Conferência realizada na Escola Regional de Merity, no dia 12 de junho de 1925, pelo Dr. Belisário Penna. Arquivo Belisário Penna, Casa de Oswaldo Cruz.

_____. Carta a Oswaldo Aranha. Rio de Janeiro, 15 de julho de 1935. Arquivo Belisário Penna, Casa de Oswaldo Cruz.

_____. Carta ao Exmo e prezado amigo Dr. Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 30 de outubro de 1932a. Arquivo Belisário Penna, Casa de Oswaldo Cruz.

_____. Carta ao Exmo e prezado amigo Dr. Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 27 de dezembro de 1932b. Arquivo Belisário Penna, Casa de Oswaldo Cruz.

_____. **O Clamor da Verdade**. Rio de Janeiro Typ. Revista dos Tribunais, 1921.

_____. Relatório dos serviços executados pelo inspetor sanitário Dr. Belisário Penna no decurso de maio a dezembro de 1904. Arquivo Belisário Penna, Casa de Oswaldo Cruz.

_____. **Saneamento do Brasil**. Rio de Janeiro, Typ. Revista dos Tribunais, 1918.

Bibliográficas:

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. 2º Ed. Lisboa:

DIFEL, 2002.

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

DÁVILA, Jerry. **Diploma de brancura**. Política social e racial no Brasil, 1917-1945. São Paulo: EDUNESP, 2006.

FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves. **A arte de curar**: cirurgiões, médicos, boticários e curandeiros no século XIX em Minas Gerais. 2. ed. Brasília: Capes; Belo Horizonte: Argvmentvm, 2008.

FONSECA, Cristina M. Oliveira. **Saúde no Governo Vargas (1930-1945)**: dualidade de um bem público. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2007.

HOCHMAN, Gilberto. **A Era do Saneamento**: as bases da política de Saúde Pública no Brasil. 2. ed. São Paulo: HUCITEC, 2006.

LIMA, Nísia Trindade e HOCHMAN, Gilberto. "Pouca saúde, muita saúva, os males do Brasil são... Discurso médico-sanitário e interpretação do país". **Ciência & Saúde Coletiva** [online]. 2000, vol.5, n.2, p. 313 □ 332. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/csc/v5n2/7098>. Acesso em 20 jul. 2017.

LIMA, Nísia Trindade. **Um sertão chamado Brasil**. Intelectuais e representação geográfica da identidade nacional. Rio de Janeiro: Iuperj/Revan, 1999.

OLIVEIRA, Iranilson Buriti de. **Palmatória da Saúde, Estetoscópio da Educação**: leitura, circulação e recepção dos discursos médico pedagógico na Parahyba (1919-1045). Projeto de pesquisa, edital MCT/CNPq N° 12/2010. Maio/ 2010.

PEREIRA NETO, André de Faria. **Ser médico no Brasil**: o presente no passado. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001.

ROCHA, Heloísa Helena Pimenta. **A higienização dos costumes**: educação escolar e saúde no projeto do Instituto de Hygiene de São Paulo (1918-1925). Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.

SANTOS, Leonardo Querino Barboza Freire dos. **Nada de chagas... Chega de cruz**: Belisário Penna e a educação sanitária na 1ª República do Brasil (1912-1933). Monografia (Graduação). Campina Grande: UFCG, 2012.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Espetáculo das Raças**. Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil (1870-1930). São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SEVCENKO, Nicolau. "O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso". In: _____. (org.). **História da vida privada no Brasil**. v 3. 10ª Reimpressão. São Paulo: Cia das Letras, 2012, p. 07-48.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e Diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SOARES JÚNIOR, Azemar dos Santos. **Physicamente vigorosos: medicalização escolar e modelação dos corpos na Paraíba (1913-1942)**. João Pessoa: Tese (Doutorado), UFPB/CE, 2015.

STEPHANOU, Maria. "Saúde pela educação: escolarização e didatização de saberes

- médicos na primeira metade do século XX". In: **Anais** do I Congresso Brasileiro de História da Educação. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000. Disponível em http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe1/anais/114_maria_ste.pdf. Acesso em 18 jul. 2017.
- STEPHANOU, Maria. Discursos Médicos, Educação e Ciência: escola e escolares sob exame. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 4, n. 1, mar. 2006, p. 33-64. Disponível em <http://www.revista.epsjv.fiocruz.br/upload/revistas/r125.pdf>. Acesso em 21 jul. 2017.
- THIELEN, Eduardo Vilela e SANTOS, Ricardo Augusto dos. Belisário Penna: notas fotobiográficas. **História, Ciências, Saúde, Manguinhos** [online]. 2002, vol.9, n.2, p. 387-404. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v9n2/a08v9n2.pdf>. Acesso em 25 jul. 2017.